

A folia de mestre Célio e as mídias eletrônicas e de massa

Marcelo de Castro Lopes*

Resumo: A partir de observações de campo abordo aspectos da relação da folia de mestre Célio, em Rio Pomba, no estado de Minas Gerais, e as mídias eletrônicas, em especial as mídias de massa. A partir dessas observações me alinho à posição de autores que apontam a importância de reapropriações e reconfigurações locais de fenômenos globais em contraposição a uma suposta homogenização e unificação geradas por estes fenômenos.

Palavras - Chave: Folia de reis, mídia de massa, Rio Pomba.

Abstract: *From field observations I discuss aspects of the relationship of master Celio's Folia in Rio Pomba, state of Minas Gerais, and electronic media, especially the mass media. From these observations I line up with the position of authors who point out the importance of re-appropriations and local reconfiguration of global phenomena in contrast to a presumed homogenization and unification generated by these phenomena.*

Key Words: Folia de reis, mass media, Rio Pomba.

Entre os anos de 2002 e 2009 integrei a folia de mestre Célio em Rio Pomba, Zona da Mata de Minas Gerais. Ao longo deste período pude observar situações que envolviam a relação entre seus integrantes e as mídias eletrônicas, em especial as mídias de massa. A partir da narrativa de alguns episódios procuro abordar aspectos desta complexa relação que reforçam a argumentação de autores que defendem a importância das reapropriações e reconfigurações locais de informações veiculadas pelos meios de comunicação de massa, em oposição a uma visão de homogenização e unificação geradas por estes meios. Baseado nas observações de campo, defendo a argumentação de Warnier (2000) quanto à importância de estudos sobre o ponto de vista local de fenômenos globais.

O primeiro fato abordado deu-se em uma das casas visitadas na área rural. Havia ali uma fita de vídeo com a gravação de um programa de televisão em que se apresentavam duas folias. O programa foi transmitido por um canal de televisão de Curitiba e era apresentado por Inezita Barroso. As folias pareciam ser locais. Na

* Doutorando pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – marceloguit@bol.com.br

primeira delas, três dos integrantes se apresentavam caracterizados como reis magos. Ambas as folias pareciam bastante profissionalizadas. Estavam muito bem ensaiadas e possuíam figurinos luxuosos e instrumentos profissionais. A partir da observação deste vídeo, mestre Célio passou a externar o desejo de que três integrantes de sua folia usassem “coroa” e “batina”, como os reis magos¹. Zé Emídio, sanfoneiro que possui grande autoridade sobre as práticas musicais da folia, fez o comentário de que “nossa folia” poderia “ser assim”, esclarecendo que referia-se principalmente à afinação do grupo. No dia seguinte, ele tocou e cantou a toada daquela folia e disse que era bonita e não “cansava a voz”. Este episódio revela o exercício de uma auto-crítica por parte de Célio e Zé Emídio a partir da observação de uma folia veiculada midiaticamente. É importante observamos dois aspectos: primeiro, que esta experiência midiática não teve lugar em área urbana, mas sim na área rural de Rio Pomba. Este fato reforça a necessidade de reflexão sobre até que ponto as fronteiras entre o rural e o urbano permanecem válidas enquanto lugares distintos sob o ponto de vista de recepção da informação midiática. Na medida em que se encontram cada vez mais disponibilizados os meios de acesso à informação midiática em áreas rurais, fica cada vez mais difícil defender o grau de exposição midiática nos centros urbanos como fator de distinção entre o universo rural e o urbano. O segundo aspecto refere-se ao processo de seleção, presente tanto na escolha daquela família em gravar este programa com o qual se achou identificada, quanto dos integrantes da folia de Célio ao dispensarem especial atenção ao vídeo exibido. Não é incomum a presença de televisões ligadas nas casas visitadas. Por vezes, até mesmo no momento da performance musical da folia. Entretanto, em meio a uma extensa e variada gama de informações midiáticas, este foi o programa selecionado pelos integrantes da folia para refletirem sobre sua própria prática. Para Appadurai (1997), o avanço tecnológico da mídia eletrônica, a multiplicidade de formas como ela se apresenta e o volume de informação veiculado por estes meios, “impele” o trabalho da imaginação ao gerar “fontes” para a auto-imaginação como projeto social cotidiano. A isto ele chama de “imaginação como fato social”. A imaginação, quando coletiva, seria o combustível para a ação: na medida em que um grupo compartilha desejos e projetos comuns, isto pode gerar um movimento de mudança. O desejo de mestre Célio de inovação na indumentária dos integrantes de sua folia, bem como o de Zé Emídio com relação ao que ele vê como aprimoramento da performance musical do

¹ Em seu livro sobre a folia de reis de Mossâmedes, Carlos Brandão (1977) faz menção a relato semelhante por parte de antigos foliões.

grupo, demonstram que as informações recebidas midiaticamente, após um processo de seleção, serão utilizadas pelos integrantes como instrumentos de reflexão acerca de suas próprias práticas.

Cabe aqui uma breve descrição da atual situação da folia de Célio em Rio Pomba. Não houve até o momento qualquer ação concreta por parte do poder público no sentido de apoiar sua folia, que é a única em atividade na cidade. O pai e o avô de Célio eram foliões. Porém, seus filhos não demonstram interesse em dar continuidade à tradição. A média de idade dos integrantes é elevada e não há jovens ingressando. O número de casas dispostas a receber a folia em Rio Pomba é cada vez menor. Diante deste cenário, Célio demonstra apreensão com relação ao futuro de sua folia. Em face ao desinteresse de seus filhos e ao fato de achar que nenhum dos atuais integrantes teria capacidade para substituí-lo, Célio vê a gravação digital e a televisão como recursos auxiliares a um eventual candidato a assumir sua folia. Embora fale em tom de crítica com relação aos mestres que se utilizam de versos escritos para a memorização de passagens, Célio parece não ver problemas na utilização de recursos audiovisuais para esta finalidade:

Você com tempo em tempo vai apanhando, né? De tempo em tempo apanha. Agora, você tem que ir guardando na cabeça mais ou menos. Se você assistir o cd² de vez em quando, né? Pra você ir guardando. Agora, se você ver uma outra folia também na televisão, você pode apanhar algum verso dela, não tem importância. (Entrevista gravada em 7 de janeiro de 2007 em Rio Pomba)

É importante registrar que as observações realizadas na prática da folia de Célio mostram-se em sintonia com as afirmações de Bohlman (1988) sobre modernização. Este autor traz importante contribuição para a compreensão dos processos de transformação que envolvem a música de tradição no mundo moderno. Numa visão não de aniquilação da tradição por parte da modernidade, mas de construção de uma nova realidade na relação entre elas. Em seu trabalho há uma importante distinção entre modernização e urbanização: “Modernização freqüentemente afeta mais diretamente os aspectos musicais e estruturais da música de tradição, alterando a forma como ocorre a transmissão oral, por exemplo, ou fornecendo uma tecnologia que redefine o papel do executante” (Bohlman, 1988, p.126). Já a urbanização é apontada pelo autor como processo que afeta “mais diretamente os aspectos sociais da música de tradição, por

² Célio refere-se a uma gravação digital realizada por mim de sua folia.

substituir a comunidade rural isolada, onde a maioria dos indivíduos participa da expressão cultural” (Idem). Ao ver as mídias eletrônicas como instrumentos de transmissão de seu saber, mestre Célio incorpora estes elementos da modernidade em sua prática tradicional na construção de uma relação que amplia as possibilidades de transmissão e aprendizagem do conhecimento, ao mesmo tempo em que aponta para o largo espectro de possibilidades de usos dessas mídias. É importante notar que a proposta de Célio sugere um conceito amplo de oralidade, na medida em que considera uma forma legítima de aprendizagem aquela em que se ouvem os versos cantados em um CD com gravação do grupo, assim como a assimilação de informações oriundas de veículos de comunicação de massa como a televisão. É um olhar que enxerga as mídias como aliadas na transmissão e na aprendizagem de seu saber, e em conseqüência, na continuidade de sua folia. Como instrumentos a serviço de um saber tradicional as mídias desempenham um papel bem diverso daquele que comumente lhes é atribuído como instrumentos de imposição de hegemonias e exclusão de diferenças.

Outro aspecto importante envolvendo mídia de massa e a folia de Célio diz respeito ao desejo de Célio de veiculação midiática de sua folia. Embora a folia já tenha se apresentado em rádios locais e até mesmo no coreto da cidade para a realização de um registro em vídeo organizado e financiado por mestre Célio, seu desejo é de que sua folia apareça na televisão. Célio enxerga o aumento de visibilidade de sua folia como meio para despertar interesse em apoiá-la. A presença de um “patrocinador” é desejada por ele e por outros integrantes. Alguém que financiasse uma indumentária mais luxuosa, os deslocamentos para cidades vizinhas, melhoras nas condições dos instrumentos e mesmo as despesas médicas dos foliões durante o período ritual. A forma encontrada por Célio para uma exposição televisiva é a participação no Encontro Anual de Folias de Juiz de Fora³. É interessante notar que a televisão é ao mesmo tempo o meio através do qual Célio imagina poder proporcionar projeção à folia e aquele que o informa sobre a existência de um espaço onde esta projeção possa se dar.

Eu vejo falar na televisão, né? Até todo ano tem encontro lá. Tem quatorze grupo. E se nós for vai interar quinze. Só que nós não tem as vestimenta que eles tem não, sabe? Porque lá eles tem...deve ter algum apoio, né? Eles veste direitinho, sabe? Só não canta igual nós, né? (Entrevista gravada em 7 de janeiro de 2007 em Rio Pomba)

³ Encontro anual organizado pela Associação de Folias e Charolas de Juiz de Fora com o apoio da administração municipal. A cidade de Juiz de Fora dista 75 Km de Rio Pomba.

De fato, as folias de Juiz de Fora contam com uma verba municipal cuja maior parte é empregada na confecção de suas indumentárias. Independente dos interesses que levam a prefeitura da cidade a promover o Encontro de Folias, este é percebido como um local onde esta prática é valorizada e prestigiada. Poder público, imprensa e parte da população voltam suas atenções para o evento, o que pode ser interpretado como o reconhecimento do valor desta tradição por diferentes instâncias da sociedade. A importância de que se preservem e apoiem manifestações folclóricas é lugar comum no noticiário veiculado por rádios, jornais e televisões. É evidente que este discurso de valorização de práticas tradicionais não passa despercebido por Célio e se encontra em flagrante contraste com o desprestígio de sua folia em Rio Pomba. Acredito que estes elementos sejam de fundamental importância para a compreensão de uma fala surpreendente de Célio: “Folia é folclore. Nós fala folia, mas isso é folclore que chama, né? É um folclore. Folia é apelido”. Ao perceber o reconhecimento geral de que o folclore é importante e deve ser preservado, ao assistir a poderosa mídia eletrônica enaltecer em seu discurso as manifestações folclóricas e afirmar a importância de preservá-las, Célio quer deixar bem claro que a sua folia é folclore. Quer gozar do mesmo prestígio de outras manifestações veiculadas na mídia como folclóricas. Quer que se tenha a mesma preocupação com a continuidade e o bem estar de sua folia que aquela apresentada no discurso da mídia em relação a manifestações que devem ser valorizadas e preservadas. Caso sua folia seja reconhecida como “folclore”, sua continuidade passa a ser preocupação de todos: governo, Igreja, imprensa e sociedade em geral. A folia não é reconhecida como importante pela maior parte da população de Rio Pomba. Não foi até aqui reconhecida como importante pelo governo local ou pelos representantes da Igreja em Rio Pomba. Então, é mais interessante para Célio que não se chame mais folia. “Folia é apelido”. Que se chame “folclore”. Este sim, detentor de prestígio e entendido como algo que deva ser cuidado e preservado.

A presença das tecnologias e dos meios de comunicação de massa não é novidade na literatura sobre folias. Chaves (2003) menciona o fato de que em seus primeiros encontros com mestre Tachico, este não só aprovou a idéia da produção de um vídeo, como lhe mostrou uma gravação de um encontro de folias exibido em programa local de televisão. Reily (2002) descreve como se deu a gravação de um LP pela folia do Baeta, de São Bernardo do Campo, São Paulo, na década de 1980, bem como alguns desdobramentos desse episódio, como o aumento dos convites para

apresentações em eventos culturais e mesmo a participação da folia em programa de televisão. Fonseca (2009) aponta conflitos acerca de questões identitárias no Terno dos Temerosos, em Januária, na medida em que o processo de espetacularização demanda uma série de adequações tecnológicas nas performances do grupo. Ao abordar as mídias de massa como fonte de dados para a reflexão sobre sua prática por parte dos integrantes da folia de mestre Célio, como instrumento de transmissão de saberes tradicionais e como espaço de luta por uma nova significação dentro de determinado contexto social, busco enfatizar a complexidade das várias formas como pode se dar a relação entre fazeres tradicionais e tecnologias ligadas ao fluxo de informações. As observações de campo colocam em questão o poder homogenizador e unificante freqüentemente atribuído à mídia de massa. O que se observou foi algo mais próximo da visão de teóricos como Jean Pierre Warnier (2000), Appadurai (1997) e Martín-Barbero (2001) que enfatizam as reapropriações e reconfigurações locais de informação veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Warnier (2000), em seu trabalho sobre a mundialização da cultura, ressalta a importância de estudos sobre o ponto de vista local de fenômenos globais, pois é neste nível que ocorrem as decodificações e reapropriações das informações veiculadas pelos meios de comunicação de massa, com suas inúmeras variáveis locais.

REFERÊNCIAS:

APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

BOHLMAN, Philip. *The Study of Folk Music in the Modern World*. Bloomington and Indianapolis: University of Indiana Press, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Folia de Reis de Mossâmedes*. Cadernos de Folclore. FUNARTE, 1977.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. *Na jornada dos Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do mestre Tachico*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. *Temerosos Reis dos Cacetes : uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária MG* - Tese (Doutorado em Música) Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LOPES, Marcelo de Castro. *A folia de mestre Célio em Rio Pomba: uma perspectiva etnomusicológica*. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001

REILY, Suzel Ana. *Voices of the Magi. Enchanted Journey in Southeast Brazil*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

WARNIER, Jean-Pierre. *A Mundialização da Cultura*. Bauru: Edusc, 2000.